

BARROCO: UM ESTADO DE ESPÍRITO

Andrea Gomes Bedin¹

Resumo: Este artigo resulta da pesquisa bibliográfica e de campo do Barroco brasileiro, “movimento artístico” característico do século XVII, que também alcançou proeminência no primeiro quartel do século XVIII em toda a Europa, e pretende analisar o barroco sob o enfoque não apenas artístico, mas, levando em conta o contexto histórico no qual foi produzido, compreender sua relevância no campo sócio-religioso colonial luso-brasileiro. O descortinar do sentido real do barroco a partir da visão de mundo dos artistas que o produziram, tem o intuito de trazer à tona algo que vai além da tradução genuína da palavra barroco, visto como pedra de “esfericidade irregular, rústica”, para um verdadeiro “estado de espírito” da sociedade a partir da qual foi gestado.

Palavras-chave: barroco, sociedade colonial, movimento artístico, religião e arte.

Abstract: This article results from the literature search and field of Brazilian Baroque, "artistic movement" characteristic of the seventeenth century, who also rose to prominence in the first quarter of the eighteenth century in Europe, and aims to analyze and Baroque with a focus not only artistic but taking into account the historical context in which it was produced, understand their relevance in the socio-religious colonial Luso-Brazilian. The unveiling of the real sense of the Baroque from the worldview of the artists who produced it, aims to bring to light something that goes beyond the word translation genuine baroque stone seen as "sphericity irregular, rough" for a true "state of mind" of society from which it was conceived.

Keywords: baroque, colonial society, artistic movement, religion and art.

¹Mestranda em Ciências da Religião (PUC-SP), andribedin@yahoo.com.br

Introdução

O Barroco, reconhecido como estilo artístico de grande peso, de fins do século XVI até o primeiro quartel do século XVIII, que supomos como unidade, é, na realidade, um conjunto de práticas de interesses, discussões e estéticas diversas.

Os séculos XVI e XVII (início), não conheceram propriamente este conceito. Na verdade, ele foi expresso pelo século XIX e oficializado no século XX, cabendo ao século XVII a utilização metafórica do termo, para indicar o uso de alegorias. O século XIX contempla, portanto, uma nova proposta do assunto.

De qualquer forma, importa conhecer o momento histórico dentro do qual se desenvolve este “conceito” e neste sentido, o artigo pretende, não trabalhar o barroco como uma estrutura fechada, mas compreendê-lo a partir de sua relação com o seu presente, fazendo referências à questão religiosa.

Monarquias católicas e o florescimento do barroco

O momento de explosão do “estilo barroco” corresponde ao período de consolidação das monarquias nacionais no século XVI. Nas monarquias absolutistas católicas (Portugal Espanha, Itália e Europa Central), com um apoio razoável de um mecenato régio, eclesiástico e confrarial, essa cultura encontrou as melhores condições para desenvolver-se. Nessas monarquias, todo o cerimonial utilizado (palácios, igrejas, artes plásticas e decorativas) despertou nos súditos e devotos grande emoção e verdadeiro deslumbramento.

Há que se recordar que este foi um período marcado, especificamente em relação à Europa Ibérica (Portugal e Espanha), pela forte atuação da instituição do Padroado², através do qual, as coroas ibéricas exerciam grande influência na administração eclesiástica de seus impérios ultramarinos. Sendo assim, a Igreja teve papel quase decisivo quanto à elaboração

² Padroado: Instituição que, a partir do século XIII, as monarquias ibéricas criaram para estabelecer alianças com a Santa Sé. O padroado português consistia na concessão de privilégios e na reivindicação de direitos, invocando a coroa sua qualidade de protetora das missões eclesiásticas na África, na Ásia e no Brasil.

de uma nova forma de ver, pensar e sentir o mundo, tão necessária num momento de transição histórica, das conquistas do mundo colonial e de reafirmação da fé católica diante da ameaça protestante no século XVI. Neste sentido, “O Barroco não foi apenas um estilo artístico, mas uma visão de mundo envolvendo formas de pensar, sentir, representar, comportar-se, acreditar, criar, viver e morrer”. (CAMPOS, 2006, p.7)

É fundamental acrescentar a atuação do Concílio de Trento, (1563) cujos decretos tinham por objetivo trazer às mãos da Igreja católica, as rédeas de controle da fé, ameaçada pela reforma protestante que se alastrava na Europa no século XVI, com uma velocidade assustadora, cooptando novos adeptos sob as mais variadas denominações. Importava reafirmar os dogmas da fé católica, ditados e estabelecidos pelo Concílio de Trento: neste momento, Roma destacava-se como sede do Papado e da Companhia de Jesus³, fornecendo modelos artísticos e cerimoniais para o restante do mundo católico. Acrescente-se a isto, o firme propósito de agregação dos habitantes do novo mundo em processo de conquista: negros, índios e mestiços deveriam integrar-se ao quadro do novo mundo colonial. Este movimento de adaptação é que delineou o perfil do Barroco, cujas obras triunfaram e alcançaram maturidade de estilo, em especial neste cenário.

Percebe-se, portanto, que esta nova sociedade que se formava, vinha imbuída de todo um significado simbólico, soma de uma série de elementos, tais como: preconceitos, antigo regime, catolicismo, interpretações bíblicas, etc.

Na realidade, o que se pretendia nesta nova fase (e é o que se chama de Barroco), é colocar a cidade num espaço em que houvesse a concretização do modelo português, especificamente católico⁴. A cidade então passava a ser um espaço urbano como representação da política católica, que, por sua vez, reelaborava-se continuamente utilizando modelos⁵ de representações sociais (hierarquia), políticas (a figura do rei, o

³ A companhia de Jesus, criada em 1564, ensinava os dogmas do Concílio do Trento (1563) como leis do reino de Portugal. Na realidade, os decretos trazidos pelo Concílio viraram leis de Portugal: grande parte dos intelectuais (homens de letras) do século XVIII, tais como Tomás Gonzaga, Cláudio M. Costa, Gregório de Matos Guerra, dentre outros, carregavam consigo a influência da formação designada pelo Concílio de Trento.

⁴ Modelo português: As leis portuguesas são justas, legítimas e verdadeiras, uma vez que refletem a vontade de Deus.

⁵ O gênero dos novos tempos consistia na celebração da hierarquia, através do triunfalismo católico, segundo o qual, a igreja venceu a barbárie, cruelmente aqui representada por índios, negros e judeus.(desde a Idade

Estado) e religiosas (o imaginário sacro e seus elementos). Estes modelos, trazidos pelo barroco, passaram a ser “modelos” de vida, de comportamento a serem seguidos pela nova sociedade que estava sendo constituída e reelaborada a partir destes valores.

O que ocorre nesta sociedade é uma adaptação de elementos clássicos⁶ à doutrina da Contrarreforma (TAPIÉ, 1983, p. 32). Nos espaços das igrejas fazia-se um discurso de louvor, associando-se muitos elementos sacros à sociedade do período. Neste espaço, os santos assumem papéis de cortesãos e as santas, de cortesãs.

Vale complementar, que quando se chega a uma definição generalizada de uma característica considerada barroca, ela acaba, necessariamente, por ter uma essência metafórica que é confundida com uma licença para deslocar o estilo para diferentes tempos e espaços, tal como nos fala Leo Spitzer: “(...). O fato espiritual aparece sempre encarnado, e a carne chama sempre o espiritual.” (SPITZER, Leo.op.cit., p.31)

No interior dos templos religiosos, as imagens assumiam singular importância. Ainda que baseadas em matrizes europeias, as imagens aqui encontradas podem ser consideradas brasileiras (independentemente de sua procedência, que variava), na medida em que o que lhes conferia uma certa “cidadania” era o fato de estarem assentadas em nossos templos, onde foram cultuadas por nossos antepassados.

De maneira geral, o que diferenciava as imagens sacras⁷ umas das outras, era o tipo de missão à qual deveriam destinar-se. As imagens poderiam destinar-se à contemplação (contemplativas), poderiam ser retabulares (expressivas e convincentes), processionais (típicas das procissões ou de outros cultos católicos), de oratório (feitas para o culto doméstico) ou narrativas (feitas para integrarem-se a um conjunto).

Independentemente da missão a cumprir, cada imagem, por si só, cumpria um grande desafio no universo barroco das representações: convenciona e emocionava os fiéis, alargando seus horizontes de fé, diluindo suas dúvidas e conflitos e possibilitando, por meio

Média; na época barroca, recrudescera a intolerância religiosa das autoridades em relação aos judeus, mouros, e aos cultos pagãos: indígenas e africanos). A sociedade ideal do período se fazia na figura do fidalgo, cortesão, branco e católico.

⁶ Modelos greco-romanos fornecem referências para as representações barrocas.

⁷ Os escultores responsáveis inspiravam-se em tipos locais para a elaboração das mesmas. Ex.: O grande pintor e escultor Manuel da Costa Athayde, ainda que fosse de cor branca, fotografava e pintava mulatos. Era comum, escultores receberem registros dos Santos, de determinada ordem religiosa: nestes registros, constavam os tipos de hábito utilizado, a tipologia fisionômica etc.

da visualização e, portanto, da proximidade com o santo ou santa, um acesso quase que íntimo, ao plano divino.

Este acesso livre das imagens se processava em todas as direções no tocante ao universo colonial: as imagens tinham sua presença marcada não somente nos grandes templos, mas no interior dos próprios lares, agregadas que eram ao grande número de oratórios. A presença de santos ou santas no interior dos lares trazia paz, segurança e a certeza de um contato mais direto com Deus. Não é à toa que o universo das imagens sacras foi e continua a ser (principalmente em alguns Estados Brasileiros), o referencial de fé de muitas pessoas, sendo parte integrante do seu cotidiano.

As imagens sacras apresentavam algumas características formais como a teatralidade e emoção nos gestos, o cabelo “em movimento”, a policromia com tons fortes, características estas tipicamente associadas ao tipo de sentimento que, singelamente, deveriam despertar no fiel.

O Barroco e o mundo das representações

O Barroco é, por excelência, o mundo das representações, a sociedade do símbolo. Nesta nova sociedade, cada indivíduo tem uma representação própria e deve viver de acordo com esta representação.

Sendo uma sociedade de ordens, corporativista, o decoro⁸ passa a ser um elemento fundamental para o bom andamento do corpo. Segundo esta característica, cada ambiente, pede seu discurso adequado, ou seja, é necessária uma concordância harmônica das partes do discurso ou da obra em função do seu conjunto ou unidade. Assim, se tomarmos como exemplo os discursos reproduzidos no interior das igrejas, veremos que estes vêm carregados de decoro, na medida em que se adequam às necessidades e interesses específicos trazidos ou trabalhados no interior daquele ambiente.

⁸Decoro: a palavra significa “conveniência”, que, aplicada ao texto, significa conveniência aos assuntos, às pessoas e às ocasiões; o decoro deve observar a conveniência entre o ornato e a matéria.

Lembremos que esta é uma sociedade de corte, na qual cada parte deve agir dentro de sua função. Virá para cá, por exemplo, o modelo social correto que será o homem cortesão. Na cabeça desta estrutura social encontra-se o rei (monarca) e abaixo dele os demais estamentos.⁹

As igrejas barrocas são, por excelência, o espaço destas representações (e reproduções) sociais que, por sua vez, são reflexos da imitação de um universo maior: o divino. Na medida em que Deus é a causa em tudo o que há (pois orienta a criação), é a lei eterna (perfeita e imutável). Portanto, a inteligência do homem deve ser treinada para aquilo que, no tempo, realiza a vontade de Deus¹⁰.

Assim, as Instituições que existem, existem para manter esta verdade e formar o modelo do homem virtuoso. Deste modo, as representações barrocas definem espaços de ação, moldados a partir de preceitos católicos que podem ser bem observados no interior das igrejas barrocas: para aqueles considerados hereges (árabes, judeus, luteranos, maquiavélicos¹¹), vale a perseguição e a fogueira. Ao mesmo tempo, as virtudes da civilização (séculos XVI, XVII e XVIII) devem ser postas em cena pelas representações.

O espaço da Igreja, além de ser um espaço social, era portanto, o espaço do Divino, ou da representação do Divino, por excelência: neste espaço, anjos e santos confluem de todas as direções ao ritmo de uma melodia barroca contínua com o genuíno intuito de abençoar o fiel.

Não é à toa que as igrejas barrocas chocam o visual de quem as aprecia, pela carga de detalhes; no entanto, envolvem o expectador pela beleza e riqueza de suas cores e formas. Até o mais ingênuo dos expectadores, ainda que alheio a detalhes do local, terá a sensação de estar sendo observado, pois a sensação que o discurso sagrado destes espaços nos traz é a de que, continuamente “os Olhos de Deus estão sobre nós”.

⁹ Estamentos: denominação pela qual são identificadas as três categorias sociais que, a partir do século XI, surgem do Ocidente medieval e que adquirem sua formação clássica no Antigo Regime. Essas ordens ou estamentos são distintas umas das outras completando-se, porém, numa estrutura harmoniosa.

¹⁰ Santo Tomás de Aquino dizia que existe uma lei natural: na natureza e no homem existe a presença de Deus.

¹¹ Nicolau Maquiavel (1469- 1527, pensador italiano): O poder não tem fundamento natural; Maquiavel põe Deus em xeque (concepção de poder que vinha desde a Idade Média) e suas obras passam a ser perseguidas pelo Concílio.

Por fim, a utilização de recursos diversos, no interior das igrejas, como luzes, cores e vitrais e toda uma técnica de produção de imagens, era fundamental para criar representações nesta sociedade, que se auto representa¹² continuamente, pondo em cena as representações de poder.

Conclusão

Analisar o universo barroco é uma tarefa árdua e ao mesmo tempo fascinante. Requer daquele que o aprecia, muito mais que uma atitude de simples expectador, mas algo que o remeta a uma esfera que vá muito além da simples admiração.

É muito comum, no longo trânsito que se opera no interior de muitas das igrejas barrocas brasileiras, nos depararmos com admiradores da bela e esfuziante arte sacra barroca, muito carregada e adornada que é, com seus ricos detalhes, que envolvem, desde pinturas minuciosa e artisticamente projetadas nos tetos das grandes naves, até esculturas de santos e anjos adornados com ouro e materiais refinados do tempo em que foram produzidos; no entanto, dificilmente nos depararemos com posturas contemplativas no interior dos templos, que denotem, por assim dizer, um interesse a mais do fiel em desvendar o caráter espiritual por trás de toda aquela imaginária, cuja história encontra-se talhada no interior e exterior dos templos e de cada espaço religiosamente pensado.

Analisar o barroco e compreender o universo que o constitui, requer uma atitude introspectiva: a cada cena pintada, a cada gesto proferido pelas imagens, a cada hierarquia engenhosamente esculpida, talhada ou mesmo expressa através da pintura, é possível adentrar este mundo único e ao mesmo tempo, tão múltiplo em suas expressões.

A própria musicalidade barroca exige por parte do ouvinte, “olhos bem abertos” e atentos à continuidade das formas que se conjugam ao ritmo musical de maneira prodigiosa. É fantástico poder acompanhar visualmente o que nossos ouvidos apreendem: tamanho esforço, mas grande recompensa.

¹² As festas e procissões põem em cena a representação da Igreja: o maior modelo de discrição (prudência) foi Jesus Cristo, a quem devemos sempre imitar.

Enfim, pode-se dizer que o barroco é um convite ao conhecimento das origens, das raízes de formação de nosso país, de compreensão de um rico universo de valores forjados ao longo de nossa história e em parte sedimentados em nossos costumes, introjetados em nossa cultura, constituintes de nossa memória.

No entanto, há ainda muito que se desvendar neste universo unívoco e ao mesmo tempo equívoco do barroco, bem como de suas principais formas de representação tão vivas no imaginário sacro-religioso de nossa nação: há que se vasculhar as entrelinhas de sua trajetória, visualmente expressas em cada forma dita barroca, para se compreender o porquê do barroco tornar-se tão senhor de sua memória.

Referências

AZEVEDO, Antonio Carlos do Amaral. *Dicionário de nomes, termos e conceitos históricos*. 3ª.ed, Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999.

CAMPOS, Adalgisa A. *Introdução ao Barroco Mineiro: cultura barroca e manifestações do rococó em Minas Gerais*. Belo Horizonte: Crisálida, 2006.

ETZEL, Eduardo. *Imagem Sacra Brasileira*. São Paulo: Melhoramentos, EDUSP, 1979.

GOMBRICH, E.H. *A História da Arte*. 4ª. ed. Rio de Janeiro: Guanabara, 1988.

HANSEN, João Adolfo. *A Sátira e o Engenho*. Gregório de Matos e a Bahia do século XVII. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

HANSEN, João Adolfo. O Conceito Barroco: um jogo de espelhos? *Revista do Instituto de Filosofia, Artes e Cultura da Universidade Federal de Ouro Preto*, Ouro Preto; nº 2, p. 92, dezembro de 1995.

KARNAL, Leandro. *Teatro da Fé: Representação Religiosa no Brasil e no México do século XVI*. São Paulo: Hucitec, 1998.

SEVERINO, Antonio J. *Metodologia do Trabalho Científico*. 22^a ed., São Paulo: Cortez, 2002.

SILVA, Janice T. da. *América Barroca. Tema e Variações*. São Paulo: Nova Fronteira, EDUSP, 1992.

SILVA, Janice T. da. O Barroco como conceito. *Revista do Instituto de Filosofia, Artes e Cultura da Universidade Federal de Ouro Preto*, Ouro Preto; n° 4, p.21, dezembro de 1997.

SILVA, Janice T. da. Notas sobre o “Barroco”. *Revista do Instituto de Filosofia, Artes e Cultura da Universidade Federal de Ouro Preto*, Ouro Preto; n° 4, p.11, dezembro de 1997.

SPITZER, Leo. *El Barroco español in: Boletín del Instituto de Investigaciones Históricas*, XXVIII (1944), p. 17-30.

TAPIÉ, Victor L. *O Barroco*. trad. de Armando Ribeiro Pinto. São Paulo: Cultrix, EDUSP, 1983.